

## Conceito curatorial

### Birds and Buoys

*From that time forth he believed that the wise man  
is one who never sets himself apart from other living  
things,  
whether they have speech or not, and in later years he  
strove long  
to learn what can be learned, in silence, from the eyes of  
animals,  
the flight of birds, the great slow gestures of trees.  
Ursula K. LeGuin, A Wizard of Earthsea*

*„Die Luken gingen kaum ins Freie, sondern eher ins Un-  
terirdische.  
Daher die Neugier, mit der ich durch die Stäbe jedes Gat-  
ters,  
auf dem ich gerade fußte, niedersah,  
um aus dem Souterrain den Anblick eines Kanarienvo-  
gels,  
einer Lampe oder eines Bewohners mit davonzutragen.“  
Walter Benjamin, Berliner Kindheit um 1900*

*See-line woman | Empty his pockets | And wreck his days  
| Make him love her | And she'll fly away  
(traditional)*

A exposição »Birds and Buoys« conta com os trabalhos de Nadja Abt e Barbara Marcel, reunindo duas pesquisas artísticas complexas e de longa data, que lidam com a questão do trabalho transatlântico e com a história cultural das navegações e da mineração a partir das perspectivas queer e feminista. Juntas, as produções abordam a arquitetura e a história do Bärenzwinger – construção que sedia a exposição –, bem como de sua vizinhança.

»Birds and Buoys« volta-se visivelmente para fora, comunicando-se de forma acústica e visual com o bairro em uma colorida reinterpretação coletiva da edificação do Bärenzwinger. A exposição dialoga ainda com o espaço urbano dos arredores, como o histórico porto fluvial, a Embaixada Brasileira, e a Marinehaus, um antigo clube da marinha imperial. Na parte interior, reflexões íntimas e ensaísticas revelam o poder transformador de queerizar a natureza; espaços estreitos desfazem-se em cenas fantásticas; e histórias, antes ocultas, emergem.

Os pássaros (Birds) e as boias (Buoys), que dão nome à exposição, se distinguem por sua capacidade de sinalizar algo. O canário, conforme apresentado na obra de Barbara Marcel, é um indício de um ambiente tóxico. Já Nadja Abt emprega boias como figuras que emergem na superfície, e se recusam a serem empurradas para o invisível.

Do inglês, os termos “Buoy” (boia) e “Boy” (menino; garoto) são homofônicos e podem ser diferenciados apenas pela grafia. O verbo “to buoy” (boiar) em inglês também significa ser empático; levantar o ânimo de alguém, ajudá-la. A exposição trabalha precisamente com essas transgressões e diferenças, com este ato de correlacionar-se, propondo: O que pode ser aprendido e desaprendido de paisagens arruinadas pela mineração? Como pode a violenta história das navegações ser reescrita de forma feminista e utópica? Como podemos juntos, parafraseando Ursula LeGuin, navegar a “bom-bordo da escuridão”?<sup>1</sup>

Inspirada nos textos do escritor, filósofo e teórico cultural Édouard Glissant, Nadja Abt concebe a noção de “Ship of Relation” (Navio da Relação)<sup>2</sup>. Nela, o navio – tradicionalmente um espaço de dominação masculina – é ressignificado como um lugar da narrativa feminista e da diversidade de relacionamentos. Baseada na citação de Glissant “Our boats are open, and we sail them for everyone” (“Nossas barcas estão abertas, nelas navegamos para todos”), Abt retrata a embarcação com sua tripulação feminina como uma metáfora de articulação ao discurso pós-colonial. Em três narrativas ficcionais, que podem ser encontradas nos para-choques no casco do navio e ganham continuidade no livreto de acompanhamento, as vozes a bordo contam o propósito e o contexto de suas viagens. Para tornar a reescrita positiva das navegações um topos possível, no navio – pioneiro, porém sem rumo – flamejam bandeiras com um novo alfabeto apátrida.

<sup>1</sup> Em referência à obra “A mão esquerda da escuridão” (no original, *The Left Hand of Darkness*), de Ursula LeGuin. Bombordo é um termo de orientação náutica que se refere ao lado à esquerda do rumo da embarcação. Em português, o nome vem do fato de os navios ao descerem o Atlântico ao logo da costa africana terem à sua esquerda a terra e os respectivos portos – bom bordo – enquanto que do lado direito só existia o mar e o desconhecido.

<sup>2</sup> Em referência à obra “Poética da Relação” (na versão em inglês, *Poetics of Relation*), de Édouard Glissant.

O que se pode fazer com um buraco no vale? Para onde se pode caminhar quando a terra não mais se sustenta? As paisagens das não-cidades e seus sedutores chamados para a solidão permanecem convincentes em tempos de desintegração urbana? O que pode ser aprendido e desaprendido na topografia aumentada destas paisagens arruinadas? Como caminhar sobre e abaixo de solos tão instáveis? O projeto “Golden Tone” (Tom Dourado), de Barbara Marcel, origina-se de uma pesquisa sobre o cenário histórico e cultural do oeste do Harz, região montanhosa alemã onde se desenvolvem muitas tecnologias de mineração, que, depois, são exportadas para todo o mundo. Sua videoinstalação reflete a sobreposição do passado, presente e futuro nesta paisagem antropogênica, por meio da particular história da criação, treino e comércio de pássaros canários na região. Em uma vídeo-asmontage feita de mãos e máquinas, prata e serinetas, montanhas contaminadas de metais pesados e pinheiros caídos, passeios turísticos e entrevistas íntimas, a icônica paisagem do Harz revela gradualmente a hibridez de suas muitas camadas e abre caminho para um vasto campo de voos sonoros transformadores. “Golden Tone” é um projeto sobre o canto do canário do Harz, a domesticação das minas e o queerizar da natureza.

A exposição »Birds and Buoys« inaugura o programa anual Bricolage e, com ele, uma série de investigações sobre a história e o presente, ainda pouco visibilizados, do Bärenzwinger.

Bricolage descreve tanto um processo prático quanto poético que, contraposto por Claude Lévi-Strauss à lógica do engenheiro ocidental, se dá por meio de jogos, improvisação, sampling e estratégias DIY (Do it yourself, em português: faça você mesmo). Conforme Jacques Derrida salienta, esta contraposição é insustentável, uma vez que o engenheiro mesmo seria um mito, um produto da própria bricolagem –, o que não torna o conceito, todavia, menos interessante para nós. O programa propõe uma leitura reparadora do conceito de bricolage. Através da abertura, colaboração e diálogo, gostaríamos de visitar e praticar a bricolage, reformulando-a de forma anticolonial. Isso porque a bricolagem não se encerra em si mesma, mas tem justamente a capacidade de reorganizar as velhas estruturas existentes. Neste atual momento de crise, no qual racionalidades e planejamento têm perdido sua validade, gostaríamos de empregar a bri-

colage como uma prática curatorial. Desejamos convidar todas as artistas para, em conjunto, esboçar, refletir e experimentar táticas e estratégias de adaptação para esta era marcada pela imprevisibilidade.

Neste sentido, as quatro próximas exposições vão pesquisar minuciosamente os recursos do Bärenzwinger, começando por sua pré-história, passando pelos materiais que integram sua construção, por suas referências ao espaço urbano, até suas redes políticas e culturais, nas quais trabalhamos atualmente. Com Bricolage queremos cavar fundo e ir mais longe, retratar as constelações históricas e contemporâneas e descolar suas junções, para, então, reatá-las em um novo arranjo. Seguindo a linha de Donna Haraway, pode-se dizer que estamos dispostos a forjar novos nós materiais-semióticos, assim como as concretas técnicas de nós marítimos também usadas em Birds and Buoys.

»Birds and Buoys«  
Nadja Abt, Barbara Marcel  
09.04. – 13.06. 2021

Bärenzwinger

Curated by  
Isabel Jäger, Katja Kynast,  
Malte Pieper, Maja Smoszna

[www.baerenzwinger.berlin](http://www.baerenzwinger.berlin)

Tradução: Carolina Santa Rosa Correa

## Artistas

### Nadja Abt

Nadja Abt é artista e escritora, vive entre Berlim e Lisboa. Tem formação em Literatura e História da Arte pela Freie Universität Berlin, e em Belas Artes pela Universität der Künste Berlin e pela Universidad Torcuato di Tella, em Buenos Aires. Em suas performances, vídeos e pinturas, ela constrói narrativas feministas, aludindo ao universo literário e cinematográfico. Abt integra o coletivo artístico Michelle Volta. Recentemente, exibiu seus trabalhos e performances, entre outros, em Berlim, no KW-Institute for Contemporary Art e na Haus der Kulturen der Welt, bem como em São Paulo, no Pivô e na Casa Triângulo.

### Barbara Marcel

Barbara Marcel é artista e cineasta. Estudou cinema no Rio de Janeiro e tem mestrado pelo Institut Art in Context da Universität der Künste Berlin. Atualmente é doutoranda na Bauhaus-Universität Weimar e bolsista da Fundação Heinrich Böll. Suas videoinstalações e publicações consistem frequentemente em colagens e ensaios de imagens, encontradas e produzidas, que remetem à história de colonialidades. Seu trabalho também propõe experimentos com novas relações ecológicas, processos de pensamento e de prática. Suas obras já foram exibidas, entre outros, em: ZKM, Karlsruhe; na Galeria Metropolitana, Santiago do Chile; Savvy Contemporary Berlin; Broad Art Museum, Michigan; Espacio Pla, Buenos Aires; Haus der Kulturen der Welt, Berlim; CeNak - Zoologisches Museum Hamburg; V240, Amsterdam; Athens Biennale; Galerie für Zeitgenössische Kunst, Leipzig e Galeria Marta Traba na Fundação Memorial da América Latina, São Paulo.